

A ESTRATIFICAÇÃO NAS EXPRESSÕES DE FUTURO

Gisonaldo Arcanjo de Sousa (UFRN)

gisonaldo.arcanjo@bol.com.br

Maria José de Oliveira (IFRN- Caicó/ PROLING)

mariajoseoliveira@bol.com.br

Introdução

Bastante evidenciado em análise contemplativa de mudanças de uso da língua em situações de interação, a estratificação é um princípio da gramaticalização proposto por Hopper (1991), o qual diz respeito à convivência harmônica, lado a lado, entre formas variáveis que existem para desempenhar uma mesma função, ou seja, é o registro da convivência entre o velho e o novo, sendo que as camadas velhas não necessitam ser descartadas, mas podem coexistir.

Desse modo, esta proposta de trabalho o toma como objeto de análise na atuação das expressões de futuro, com foco para o uso da forma perifrástica gerundiva (ir + estar + gerúndio), no discurso de professores do Rio Grande do Norte, tratada, a partir de agora, como FPG. A amostra se compõe de gravações de aula com idêntico tempo de duração, ministradas por professores das cidades de Natal-RN, Caicó-RN e Serra Negra do Norte-RN.

A pesquisa se fundamenta na teoria do Funcionalismo linguístico norte-americano, em específico, nos estudos de Givón (1979, 1990, 1995 e 2001, 2005), Hopper (2003); Heine e Kuteva (2007); Bybee (2006, 2010), entre outros, com foco para a teoria da gramaticalização e seus princípios.

A priori, a análise discute o conceito de estratificação para depois aplica-lo às ocorrências de fala do discurso dos professores, anotando observações a respeito do aspecto e pontualidade dos verbos formadores de uma nova forma perifrástica de futuro se operacionalizando na língua, bem como possíveis motivações para o uso das formas em competição.

Ademais, é um trabalho que se organiza em duas seções, além dessa introdução e das considerações finais: discussões teóricas: a gramaticalização; a estratificação na fala de professores.

1. Discussões teóricas: a gramaticalização

Meillet (1912, p.131) foi quem primeiro usou o termo gramaticalização para definir “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”, embora se saiba que os estudos iniciais tenham ocorrido no século X, na China, e percorrido boa parte da Europa até chegar ao Oeste Americano.

O artigo “*L'évolution des formes grammaticales*” é considerado a obra inaugural dos estudos de gramaticalização. Publicado primeiramente na *Rivista di Scienza*, XII, nº 26, foi posteriormente reimpresso em 1958, entretanto todas as citações contidas no original de 1912 não foram modificadas por entender que foi com esse trabalho que o autor difundiu a gramaticalização.

Depois, obedecendo a uma ordem cronológica, outros autores também apresentam suas definições para o termo gramaticalização partindo do marco inicial proposto por Meillet.

Para Kurylowicz (1964, p.52): “gramaticalização consiste no aumento do limite de um morfema que avança de um *status* lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical.”

Heine e Reh (1984, p.15) definem gramaticalização como “um processo em que unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, respectivamente.”

Para Sankoff (1988, p.17), a “gramaticalização está presente quando palavras de conteúdo ou morfema de classe aberta da língua tornam-se palavras funcionais, ou morfemas de classe fechada.”

Heine, Claudi e Hünemayer (1991, p.2) percebem que a gramaticalização “ocorre quando uma estrutura lexical assume uma função gramatical ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical ainda.”

Traugott e König (1991, p.189) conceituam gramaticalização referindo-se “ao processo histórico unidirecional e dinâmico pelo qual itens lexicais adquirem novos *status* como formas gramaticais morfossintáticas e passam a codificar relações não codificadas ou codificadas diferente.”

É importante registrar que todo o estudo sobre gramaticalização comunga dos seguintes pontos:

- Distinguem itens do léxico, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens da gramática, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro.
- Consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

O processo de gramaticalização provoca uma inquietação no sistema linguístico. Hopper (1998) entende que a gramática das línguas vai sendo constantemente negociada no processo da comunicação e que não há gramática pronta, mas em constante construção.

Dependendo da ótica de quem estuda a gramaticalização, ela pode ser vista como paradigmática, processual, diacrônica, sincrônica ou, ainda, combinadas as duas últimas, isto é, pancrônica.

Ela se instaura no instante em que uma unidade linguística lexical começa a adquirir um uso gramatical ou, se já possui essa formação gramatical, migra para uma ainda mais gramatical.

Hopper (1991) propõe cinco princípios que governariam o processo de gramaticalização. São eles:

1. Estratificação: em um domínio funcional amplo, novas camadas estão emergindo continuamente. Nesse ínterim, entre o velho e o novo, as camadas velhas não necessitam ser descartadas, mas podem coexistir com as camadas mais novas.
2. Divergência: se uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer como autônoma, sujeita às mesmas mudanças a que se submete um item lexical comum. Segundo Silva (2005), as formas podem comungar da mesma etimologia, mas do ponto de vista funcional, há divergências.
3. Especialização: explica que dentro de um domínio funcional, num determinado estágio, é possível a variedade das formas com nuances semânticas diferentes. Essa variedade estreita-se ao se configurar a gramaticalização, e, portanto, reduzem-se a variedade e opções de escolhas formais.

4. Persistência: diz respeito à percepção de vestígios-fontes, ou seja, “as relíquias de outrora”¹ deixadas por seus significados originais, ao longo do trajeto traçado pela gramaticalização.
5. Decategorização: as formas, ao passarem pelo processo de gramaticalização, tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são peculiares às categorias plenas (nomes e verbos). Passam, pois, a se caracterizar como categorias secundárias (adjetivos, participios, preposições e conjunções).

Contrapondo-se a Hopper, Castilho (1997), entende que os princípios acima citados relacionam-se a quatro outros princípios, os quais podem representar os estágios de gramaticalização:

- Analogia – envolve a atração de formas não existentes para se uniformizar com construções já existentes.
- Reanálise² – acontece quando uma forma perde os limites de sua constituição e passa a ter, em diversas instâncias, estrutura e sentido diferentes daqueles do falante, pela ação dos cortes não imediatos resultantes da abdução.
- Continuidade e Gradualismo – explicam a efetivação da renovação das estruturas da língua como processo contínuo e gradual.
- Unidirecionalidade³ – mostra a irreversibilidade do movimento da gramaticalização.

Givón procurou aprofundar-se nos estudos sobre a gramaticalização, apesar de preferir o termo sintaticização. Ele mergulha nos módulos do léxico e da morfologia e emerge com “a introdução do discurso”⁴ como um parâmetro maior para o entendimento da estrutura da língua e também com o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais”. (VOTRE, 2004, p.24).

Givón, que afirmara que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (1971, p.413), adita que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (GIVÓN,1979, 208-9), argumentando que no processo de gramaticalização o modo mais pragmático de comunicação abre um caminho para um modo mais sintático, com isso, expressões lingüísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas.

Múltiplas são as definições para gramaticalização, todas baseadas na definição clássica de Meillet (1912), porém, talvez, insuficientes para determinar tal fenômeno. Braga (1999) aponta que a gramaticalização sofreu alargamento e hoje inclui o estudo do itinerário percorrido por formas linguísticas e por construções emergentes.

¹ Givón (1979, p. 83).

² A reanálise, apesar de muito importante para se instaurar a gramaticalização, não é condição essencial para que ocorra o processo.

³ Os defensores da unidirecionalidade acreditam no caráter anti-reverso da direção das formas em processo de gramaticalização. No entanto, algumas abordagens contestam a veracidade do princípio, alegando nem sempre haver uma mudança do concreto para o abstrato, tendo em vista a existência dos contraexemplos. Porém, são raros na língua, porque para se estabelecer o reverso da unidirecionalidade deve-se cumprir o trajeto de forma gradual: (G3 > G2 > G1) (BRINTON; TRAUGOTT, 2005). O trajeto escalar referido expressa os níveis de gramaticalidade, no que diz respeito à fusão com elementos externos: G1= perífrases; G2= formas semidirecionadas e clíticos; G3= afixos.

⁴ Para Givón, discurso deve ser compreendido como macrossintaxe e não como modelo de interação.

Portanto, com base nos conceitos apresentados, a gramaticalização pode ser entendida como a passagem de elementos linguísticos do léxico à gramática em uma trajetória unidirecional.

2. A Estratificação na fala dos professores

A estratificação é um princípio bastante evidenciado em análises funcionalistas e diz respeito à convivência harmônica entre formas várias que existem para desempenhar uma mesma função. O velho, nesse caso, não precisa ser refutado. Passa a desempenhar sua função ao lado do novo, como é perceptível no dado abaixo:

(1) *Viajaremos na sexta e... só retornaremos na quinta. **Vamos estar apresentando** um seminário... então como eu ia falando...os textos são grandes, mas apresentam boa leitura... durante esse tempo leiam... quando chegar **retornaremos** de imediato o assunto...(PN)*

Observe-se que se tem, na ocorrência acima, distintas formas de expressão de futuro. Uma forma canônica que introduz o primeiro período: *viajaremos*; uma FPG que abre o segundo período: *vamos estar apresentando*, e, por último, novamente a forma canônica do verbo retornar: *retornaremos*.

Interessante é que se encontrou uma perífrase com a presença do verbo *ir*, *ia falando*, mas que não tem valor de futuro. Neste caso, tem-se, conforme defendido por Givón (1995, p.207), uma construção serial. Nela se observam duas predicções: a primária e a secundária, cuja atribuição de flexão é feita através de um verbo principal semântico. Givón ainda adverte que a noção de “verbo principal semântico” é desfeita quando o verbo é gramaticalizado em um marcador temporal, aspectual e modal, como é o caso do verbo *ir*.

(2)...então pra gente encontrar o material da pirâmide...a gente não tem de medir a altura da pirâmide...a altura da pirâmide vai servir pra encontrar o volume...e isso vai ser na próxima aula que nós vamos...é...a partir de uma figura que vocês vão construir, cês vão descobrir como se acha o volume de uma pirâmide...Não...eu não vou dizer pra vocês a fórmula ...a gente vai tentar...através das descobertas...descobrir essa fórmula...a gente vai tentar...através da descobertas...descobrir essa fórmula do volume...da...pirâmide como eu **ia falando** ...cês tão acompanhando aí?... (PSNN)

Silva (2005), em sua dissertação de mestrado, baseando-se em Givón (1995), afirma que os chamados auxiliares gramaticalizados, como *ir*, retém as propriedades morfossintáticas dos verbos principais mesmo depois de perder todos os vestígios de sua natureza semântica verbal. Sendo assim, não se pode identificar o verbo principal de uma construção serial tomando por base os critérios puramente morfossintáticos.

Em outras ocorrências do *corpus*, observa-se o mesmo fenômeno de estratificação na fala dos professores:

(3) *As pessoas daqui a algum tempo **vão estar fazendo** uso de vários recursos retirados do lixo...ele...o problema maior do povo...um problemão...o lixo **será** o vilão da humanidade...(PC)*

(4) *É interessante o assunto. Vou estar conferindo pessoalmente quando chegar em casa...conferindo e pronto. Aí saberei se posso ir ou não. Vai depender...(PSNN)*

A FPG convive, em um mesmo recorte sincrônico, com outras formas de expressão de futuro mesmo porque há especificidades na expressão de modo e aspecto nessas construções. Isso comprova que a língua é capaz de criar novas formas e pode ocasionar a transformação do sistema, introduzindo categorias para as quais, anteriormente, ou não existiam expressões linguísticas ou eram outras as expressões utilizadas.

Sabe-se que o processo de gramaticalização modifica o sistema; afeta tanto as palavras ou expressões, individualmente, quanto as sentenças. Como se percebe, trata-se de um processo de renovação/substituição de velhas formas/funções por outras novas, com valor aproximado, como acontece com a substituição de futuros flexionais por perífrases verbais.

Verificando a disposição dos verbos nas FPGs do *corpus* observou-se que a maioria delas vem acompanhada por advérbios/locuções adverbiais de tempo/oração adverbial. O conteúdo informacional relacionado a tempo evidencia o uso das FPGs nas três cidades pesquisadas:

(5) *Garantam já suas carteiras de estudantes, pois vão estar passando **essa semana** pessoas para pegá-las. Quem quiser antes pode pegar com Marcos no Departamento. Aviso dado. Continuaremos com a aula...veremos o modelo... (PC)*

(6) *Inventaram aí umas historinhas bestas.Na segunda estarei aqui mesmo, na aula...e só vou estar corrigindo os relatórios **depois**. Não se preocupem eu darei o resultado a tempo. (PC)*

(7) *Viajaremos na sexta e ...só retornaremos **na quinta**. Vamos estar apresentando um seminário...então como eu ia falando...os textos são grandes mas apresentam boa leitura...**durante esse tempo** leiam...quando chegar retornaremos de imediato ao assunto... (PN)*

(8)...*É sim...assim vocês vão estar aplicando a Teoria de Einstein na fórmula...é só resolver **depois**...chegar ao resultado...pode ser simples...é bom que vocês aprendam. É pra prova...(PSNN)*

(9) *É interessante o assunto. Vou estar conferindo pessoalmente **quando chegar em casa**...conferindo e pronto. Aí saberei se posso ir ou não. Vai depender. (PSNN)*

Observa-se que os dados acima estão carregados de aspectualidade. Comrie (1981) afirma haver dois tipos de aspectos: a) o perfectivo - que descreve uma situação de curta duração e b) o imperfectivo – evidenciador de uma duração mais longa. Os dois tipos de aspectos podem ser usados para referendar uma extensão temporal de uma situação que se prolonga no tempo. É o que acontece quando se combinam as formas

perfectivas com advérbios de tempo. Essa combinação/junção resulta uma expressão que pode ser confundida com aspecto imperfectivo.

Em (5), percebe-se que a expressão temporal “essa semana” contígua à FPG implica a ideia de durabilidade da ação. O que é perceptível também em (6), (7), (8), e (9) com relação à expressão adverbial destacada.

Comrie (1981) define a durabilidade como uma ação que se prolonga no tempo. Ela é oposta à pontualidade – ação que se realiza momentaneamente. Assim, por definição, entende-se que elas duas seriam incompatíveis. No entanto, observando a distribuição dos verbos plenos nas perífrases em análise constatou-se que verbos com nuances pontuais como *passar*, *corrigir*, *fazer*, *assinar*, *mandar*, *conferir* ao lado de *ir* e *estar* remetem a um aspecto durativo.

Observa-se que os verbos dispostos nas amostras do *corpus* apresentam pontualidades distintas. Uns são mais pontuais que outros e são usados indistintamente para compor o futuro na perífrase.

Diz-se que um verbo é pontual quando as ações (semânticas) nele contido são realizadas sem nenhuma fase de transição entre seu início e o seu fim. Ora, o que a gramática tradicional espera na composição de uma FPG é o uso de verbo não pontual em sua estrutura, no entanto, o que se observa na amostra é a predominância de verbos pontuais na composição da FPG.

Veja a condensação dos dados abaixo:

Verbos	Quantidade	Porcentagem
Pontuais	18	70%
Não pontuais	8	30%
Total	26	100%

Tabela 1: distribuição dos verbos pontuais e não pontuais na pesquisa

É certo que na FPG os auxiliares junto ao gerúndio acentuam o caráter não pontual de um verbo. Mesmo assim, quantificaram-se 18 verbos com nuances pontuais e apenas 08 com características não pontuais.

Para alguns gramáticos normativos, dentre eles Cipro Neto, está aí a razão para o desprestígio e condenação da FPG: um verbo pontual exercendo uma função outra: a de durabilidade (+ durativo, - durativo).

Constatou-se na análise da fala dos professores que, ao lado dos verbos formadores da FPG, a carga aspectual da pontualidade do verbo principal é reduzida, favorecendo a durabilidade do verbo gerundivo. Assim, os verbos *ir* e *estar* reforçam o aspecto durativo da perífrase mesmo com a presença de um verbo pontual.

Possenti (2003) afirma que a FPG não fere a sintaxe do português. Para o autor, “vou mandar” e “vou estar mandando” não são a mesma coisa. A primeira formação remete somente ao futuro enquanto que a segunda marca futuro e duração. Comunga-se, aqui, o ponto de vista do autor, percebendo-se que *mandar* é um verbo marcadamente pontual.

(10)“...*vou estar mandando* para vocês, por e-mail, alguma coisa sobre a próxima aula... não sei se virei ainda... vocês fiquem atentos ao e-mail, tá?...”

Da mesma maneira, Perini (1995) também defende a FPG utilizando um verbo menos durativo em seu exemplo: “Manuel vai estar contando piadas.” Segundo o autor, essa construção é bem formada por duas razões: a) o verbo *estar* (auxiliar) é precedido

de uma forma de *ir* e o *gerúndio* é precedido do verbo *estar*; e b) o infinitivo antecede o gerúndio.

Para o autor, qualquer desobediência a esses dois pontos configura-se numa frase mal formada.

Segundo a análise tradicional, o verbo *passar* refere uma ação ocorrida num momento único. Portanto, ele sugere o início e imediatamente o fim de uma ação, não considerando sua ocorrência numa extensão temporal. Entretanto, o verbo *passar* é o mais recorrente nos dados da pesquisa, aparecendo três vezes com aspecto durativo, seguido de *solicitar* que apresenta as mesmas características temporais/aspectuais.

(11) ““Garantam suas carteiras de estudantes pois **vão estar passando** essa semana pessoas para pegá-las. Quem quiser antes pode pegar com Marcos no Departamento. Aviso dado. Continuaremos com a aula....veremos os modelo...” (PC)

(12) “Então eu disse:
-É brincadeira!! Não acredito!! Aí... quer dizer... que **vão estar solicitando** mais computadores para a sala??? Veremos....” (PC)

Já o verbo *fazer* apareceu duas vezes. Esse verbo pressupõe um tempo homogêneo, ocorre referindo tempo exato e prossegue para um término que é necessário para que a ação descrita por ele seja tomada como verdadeira.

(13) “...as pessoas daqui a algum tempo **vão estar fazendo** uso de vários recursos retirados do lixo...ele...o problema maior do povo...um problemão... o lixo será o vilão da humanidade...”. (PC)

Observando-se essas particularidades, nota-se que todos os verbos estão potencialmente disponíveis a se perfrasearem, mesmo estes teoricamente improváveis, devido a sua natureza temporal/aspectual.

Desse modo, pode-se afirmar que o uso pelo professor da FPG em sua fala se dá, provavelmente, por duas motivações:

- i) a sintática – já que são construções gramaticalmente combinadas, e,
- ii) a pragmática – em que se observa a ocorrência da FPG demandada pelos contextos sociomodernos nos quais o falante se insere.

Nessa segunda perspectiva, a dinâmica das relações de cursividades paralelas se configura em multitarefas, concomitantemente, realizadas. Tal fenômeno pode, de imediato, causar certo estranhamento e alimentar conclusões infundadas de que o falante se utiliza da FPG como desculpa para procrastinar a realização de certas atividades, ações em curso, processos. Ou, ainda, para desincumbir-se de maior responsabilidade e comprometimento com aquilo que enuncia.

Conclusão

Concluídas as análises, constata-se que as FPGs experimentam um possível estágio de gramaticalização, sobretudo, observado pela atuação do princípio da estratificação, uma vez verificado que as formas em estudo vêm sendo usadas para renovar ou substituir velhas formas/funções com valor igual ou aproximado de futuro, levando a crer que as codificações mais novas convivem de forma harmônica com as mais velhas, desempenhando a mesma função de futuro.

É notado em sua formação a existência de verbos pontuais exercendo outras funções mais durativas, fato que não fere a sintaxe da língua, uma vez que elas- as línguas- estão propensas a variações e mudanças.

Desse modo, o trabalho contribui para a compreensão de um fenômeno entre tantos outros que sedimentam o funcionamento da língua portuguesa, possibilitando se construir uma outra visão do uso das FPGs na língua, diferente daquela que a gramática tradicional e a mídia defendem.

Referências bibliográficas

- BRAGA, M. L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Conferência apresentada em concurso para professor titular. UFRJ: Faculdade de Letras (mimeo), 1999.
- BRINTON, L. TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. *Language* (82), n. 4, p. 711-733, 2006.
- CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: FFCL de Marília, 1968.
- _____. *A gramaticalização*. Cadernos de estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 1997.
- _____; CÉLIA, M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R.(org.). *Gramática do português falado*. V. 2. Níveis de análise lingüística. Campinas: Unicamp, 2002, p. 199-240.
- COMRIE, B. _____. *Aspect*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- GIVÓN, T *Discourse and Syntax, Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. Tense – Aspect – Modality. In: *Syntax: a functional – typological introduction*. Vol. 1, Amsterdam/ Philadelphia: J Benjamins, 1984.
- _____. *Syntax: a functional - typological introduction*. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1990.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins , 1995.
- _____. *Syntax: an introduction*. v.1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.
- _____. *Context as other's minds*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- HEINE, B; REH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- _____; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar*. A reconstruction. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University press, 2007.

- HOPPER, P.J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M.(ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p.155 – 175
- _____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*, v. I. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 17-35.
- _____; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge university press, 1993.
- KURYLOWICZ, J. *Esquisses linguistiques*: I Wilhelm fink verlag munchen, 1973, v. 1.
- _____. The evolution of grammatical categories. In: *Esquisses linguistiques II. Munique: Fink, 1975*.
- MEILLET, A. *Linguistique historique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- _____. *Quem é bocó?* Disponível em: www.novomilenio.mf.br/idioma/20010_405.htm>> acesso em 12 julho 2008.
- PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.
- SANKOFF, D. Variable rules. In: AMON, U; DITTMAR, N; KLAUS, J (Eds.). *Sociolinguistics- na international handbook of the science of language and society*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 184-998.
- SILVA, C. R. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. Tese de doutorado. João Pessoa, (UFPB), 2005.
- TRAUGOTT, E. C; KÖNING, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1991.
- VOTRE, S.J.; MARTELOTTA, M.E.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

